



GT 26. Cosmo-socio-morfologias ameríndias: entre comparação, contrastes e invenção

Coordenador(es):

Paulo Roberto Homem de Góes (Jeriva Socioambiental)

Aline Fonseca Lubel (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Sessão 1

Debatedor/a: Diogenes Egidio Cariaga (UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

Sessão 2

Debatedor/a: Nicole Soares Pinto (UFES - Universidade Federal do Espírito Santo)

Há quase duas décadas Viveiros de Castro propunha que "seria tempo de se tentar uma análise comparativa das morfologias e processos supralocais na Amazônia, que dispusesse lado a lado os "conjuntos multicomunitários" yanomam, os "grupos" e "aglomerações" trio, os madiha kulina, os itso'fha piaroa, os "nexos endógamos" jívaro, os "subgrupos" parakanã ou wari', e assim por diante" (2002, p. 105). Desde então, muitas pesquisas acerca das sociomorfologias ameríndias, na Amazônia e alhures, vem sendo produzidas, porém, a ambição comparativa da etnologia parece não ter acompanhado o desenvolvimento etnográfico com o mesmo vigor. O objetivo do presente GT é debater a comparação enquanto método etnológico e, para tanto, convidamos pesquisadores a dialogar sobre formas ameríndias de "invenção do social": sua produção de coletivos e territórios (atuais e virtuais), com enfoque seja em relações interaldeãs e interétnicas, seja em relações interespecíficas, seja, ainda, na mútua pressuposição de tais relações. Buscamos, portanto, promover debates a partir de etnografias, de trabalhos etnohistóricos, de arqueologia, da linguística ou do próprio conceito de comparação no sentido de renovar as articulações que compõem a agenda da etnologia e de (re)apropriar interpretações das invenções ameríndias do social.

Reflexões de Waruá: variações dâw sobre categorias socioespaciais no rio Negro (Amazônia)

Autoria: João Vitor Fontanelli Santos (USP - Universidade de São Paulo)

Essa comunicação pretende discutir sobre algumas categorias e práticas do povo Dâw (família linguística Naduhup) relacionadas ao território, trazendo à tona construções inventivas feitas por esse coletivo a partir de unidades socioespaciais bem estabelecidas na região do rio Negro (e alhures), tais como as de comunidade, sítio, bairro, cidade (entre outras). ?Território?, nessa comunicação, é apenas um ponto de partida para se poder pensar como os Dâw traduzem determinadas analogias e informam sua experiência. Para tanto, a comunicação volta-se inicialmente para um objeto/conceito específico, uma pedra-espelho e comunidade dâw, Waruá, localizada em frente à cidade de São Gabriel da Cachoeira (AM), e que aqui será vista como um constructo inventivo, um ?instrumento de reflexão? para pensar concepções e práticas dos Dâw acerca da territorialidade. As reflexões de Waruá também permitem elucidar questões pertinentes à territorialidade (atual e virtual) de outros grupos indígenas na região do rio Negro. Assim, após realizar uma descrição etnográfica com foco na comunidade dâw, a comunicação busca fazer esse segundo movimento, isto é, de trazer à discussão transformações territoriais mais amplas em curso na região, sobretudo, entre os povos Naduhup (Nadëb, Dâw, Hupd?äh e Yuhupdeh). Nesse sentido, serão traçados alguns paralelos do contexto dâw com processos atuais de ?crescimento de comunidade? de outros grupos Naduhup, destacando a cosmo-socio-morfologia de seus territórios e, mais especificamente, das comunidades. Num terceiro



movimento, pretende-se estender o enfoque para o material etnográfico de povos Tukano e Arawak, também pensando a partir de territorialidades atuais, porém, direcionando a discussão para a dimensão mítico-histórica da paisagem rionegrina - presente em narrativas xamânicas, rituais e também políticas dos três macro-grupos supracitados - e sua incidência na territorialidade desses povos. Tal como se pretende mostrar, a experiência dos Dâw a partir de Waruá apresenta variações interessantes sobre as interseções entre mito/história, paisagem/território e política.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: